

Violência, o maior paciente do HRC

O cotidiano do Hospital Regional de Ceilândia (HRC) reflete a rotina de violência da cidade. Das 447 cirurgias de emergência realizadas nos últimos seis meses, 232 foram feitas em vítimas de tiros ou facadas. O HRC é considerado um hospital de grande porte. Ainda assim, muitas vezes os seus 213 leitos não são suficientes para atender as quase 20 mil pacientes que procuram atendimento mensalmente.

As cirurgias de emergências ocupam boa parte da estrutura do hospital. Segundo diretor da regional, Antônio Coelho, pacientes internados, com o dia da cirurgia marcada, têm que dar a vez para os casos de emergência. Na maioria, são pessoas baleadas e esfaqueadas que dão entrada na emergência. "É um transtorno muito grande para os pacientes, que passam até dois dias se preparando para a operação e não conseguem realizá-la", admite Coelho.

Segundo o levantamento feito pelo HRC entre outubro de 1998 e março de 1999, as vítimas de armas de fogo e de armas brancas representam mais de 50% do atendimento do hospital em todos os meses. O segundo caso mais recorrente são as cirurgias ginecológicas. O terceiro, operações de mastologia.

O maior número de cirurgias realizadas em vítimas de violência na emergência do HRC foi em dezembro, quando 62 pessoas foram operadas às pressas. Nesse mês, o total de atendimento no centro cirúrgico foi 75 casos.

Segundo o diretor da Regional, o Hospital de Ceilândia dispõe de 30 cirurgiões. Um número, garante ele, mais que suficiente para atender os pacientes que marcam internações. O alto número de emergência, entretanto, desequilibra o atendimento. A principal dificuldade do HRC, diz Antônio Coelho, é a falta de uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). "Em alguns casos temos que começar a programar a transferência para outros hospitais no meio de uma cirurgia", comenta.

SONHO

A violência da cidade é inimiga dos moradores e dos visitantes. A goiana Enir Theodoro de Oliveira, 36 anos, veio procurar emprego no Distrito

Paulo de Araújo



Enir de Oliveira foi atingida por uma bala perdida: fim de um sonho no DF

Federal. Na sua cidade, Santa Terezinha de Goiás, disseram que aqui era lugar bom de ganhar dinheiro. Sem nunca ter visitado a capital federal, Enir pegou com um amigo o endereço de uma churrascaria em Ceilândia Norte e viajou quase oito horas de ônibus para pedir uma oportunidade de trabalhar como garçonete.

O salário lhe pareceu uma bênção: R\$ 300 por mês. "Era um sonho. Na minha cidade a gente ganha no máximo R\$ 60. Achei que poderia ajudar a minha mãe e dar mais conforto para os meus filhos", lembra. Emprego acertado, Enir saía da Churrascaria, por volta das 13h30, quando uma bala perdida a atingiu pelas costas, atravessou o seu corpo, perfurando pulmão e fígado.

Há duas semanas internada do HRC, fazendo drenagens constantes, Enir não vê a hora de voltar para casa, nem que seja para retomar as dificuldades que estão passando a sua família. "Dizem que a primeira impressão é a que fica. Não volto

mais ao Distrito Federal de jeito nenhum. Para mim, aqui é um lugar horrível", fala.

Os baixos salários de Santa Terezinha de Goiás e a morte do pai há quatro meses fizeram com que Enir deixasse a mãe e os três filhos para procurar um emprego. Vai voltar sem dinheiro e com a marca no corpo causada por uma bala perdida, coisa que nunca tinha ouvido falar, até o dia que foi atingida por uma. "Como ia imaginar que as pessoas saíam atirando pelas ruas em plena luz do dia?", perguntava. Enir conta que sequer ouviu os disparos. Apenas sentiu o sangue escorrer pelo corpo. "Não fosse a ajuda das pessoas que passavam pela rua, talvez tivesse levado mais tiros. Não sabia como agir", lembra.

Ceilândia é a cidade mais populosa do Distrito Federal. É a única no DF que tem três delegacias. É conhecida pelo alto grau de violência urbana e pelos casos de tráfico de drogas. Nos índices de violência, divide o primeiro lugar com Planaltina.